



Pecha Kucha


DOI: [10.21680/2447-7842.2023v9n2ID33726](https://doi.org/10.21680/2447-7842.2023v9n2ID33726)


Panorama dos periódicos predatórios em acesso aberto


Overview of predatory journals in open access

Nicole Tirello Acquolini ¹

Mara Patrícia Corrêa Garcia ²

Rodrigo Silva Caxias de Sousa ³

Caterina Marta Groposo Pavão ⁴

Fabiano Couto Corrêa da Silva ⁵

Submetido em: 17/04/2023	Aprovado na ConfOA: 14/06/2023	Publicado em: 04/12/2023
--------------------------	--------------------------------	--------------------------

Resumo: O presente estudo tem como objetivo explorar a produção científica relacionada à temática de Periódicos Predatórios em acesso aberto. A pesquisa busca contribuir para o diálogo e suscitar reflexões sobre a importância das boas práticas em publicações científicas para uma ciência efetivamente aberta, democrática e responsável. A metodologia adotada envolveu pesquisa básica, com levantamento bibliográfico e revisão da literatura. Foram selecionadas três bases de dados: BRAPCI, EBSCO-LISTA e SciELO, onde foi realizada uma busca com variação de termos relacionados ao tema. Os dados e informações para análise deram-se a partir dessa esquematização, juntamente com a revisão da literatura especializada. Os resultados obtidos evidenciaram a necessidade de compreender e discutir a temática das publicações predatórias, tendo em vista seu impacto negativo

¹ Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN/UFRGS.

² Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFPA.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN/UFRGS.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN/UFRGS.

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN/UFRGS.



no avanço da ciência. Destacamos a importância de promover práticas éticas e responsáveis no âmbito acadêmico, além de questionar a lógica imediatista que impulsiona tais práticas predatórias. Com base na revisão da literatura, foi possível elaborar um quadro com 16 ações e estratégias para identificação de publicações predatórias, que pode ser utilizado como ferramenta de apoio para pesquisadores e acadêmicos na tomada de decisões éticas e responsáveis quanto à escolha de periódicos para publicação de seus trabalhos.

Palavras-chave: periódicos predatórios; revistas científicas predatórias; práticas predatórias; ciência aberta.

Abstract: The objective of this study is to explore scientific production related to the theme of Predatory Journals in open access. The research will contribute to the dialog and raise reflections on the importance of good practices in scientific publications for an effectively open, democratic and responsible science. The methodology adopted involved basic research, with a bibliographic survey and literature review. Three databases were selected: BRAPCI, EBSCO-LISTA and SciELO, where a search was carried out with a variation of terms related to the topic. The data and information for analysis was based on this schematization, together with a review of the specialized literature. The results showed the need to understand and discuss the issue of predatory publications, given their negative impact on the advancement of science. Stands out the importance of promoting ethical and responsible practices in the academic field, as well as questioning the immediatist logic that drives such predatory practices. Based on the literature review, it was possible to draw up a framework with 16 actions and strategies for identifying predatory publications, which can be used as a support tool for researchers and academics when making ethical and responsible decisions regarding the choice of journals to publish their work.



Keywords: predatory journals; predatory scientific journals; predatory practices; open science.

1 INTRODUÇÃO

A partir da conjuntura de pós-verdade e desinformação a qual estamos inseridos, que também abrange o âmbito científico, emerge a problemática dos Periódicos Predatórios ou Revistas Predatórias, canais de comunicação provenientes do movimento *Open Access* (Acesso Aberto), e que, de maneira geral, são aqueles que se dispõem em publicar artigos “científicos” sem que tenha uma apurada revisão por pares, isso quando há algum tipo de revisão, desde que haja também um pagamento de uma taxa de publicação. Afora outras questões que os permeiam, como por exemplo, a falta de integridade, colocando em xeque a credibilidade ética científica estabelecida ao longo da história até o presente momento.

Com o intuito de contribuir para os demais trabalhos da área, assim como interpretar o objeto mencionado acima, este estudo fundamenta-se por questões teóricas sob o prisma da Ciência da Informação e visa apresentar um panorama a respeito das revistas predatórias de acesso aberto, refletindo possibilidades de combater e identificar esse tipo de atividade prejudicial e hospedeira, visando colaborar para uma efetiva democratização da ciência, tendo por referência inclusive o movimento de Acesso Aberto como uma via possível e transparente para isso.

Como procedimentos de coleta de dados, foram empregados a pesquisa bibliográfica e o levantamento documental. Para a análise, realizou-se um mapeamento de publicações sobre o tema a partir de 03 (três) bases de dados (BRAPCI, SciELO, EBSCO-LISTA), apresentando uma visão da produção científica nacional e internacional nas diferentes áreas do conhecimento. Além disso, elaborou-se também um quadro sobre condutas e métodos para identificação de periódicos predatórios resultante da revisão da literatura.



2 PRÁTICAS E PERIÓDICOS PREDATÓRIOS

A massificação e a capacidade de expandir o acesso a dados e informações provenientes de pesquisas acadêmicas, por meio da web, estimularam o movimento de livre acesso à informação, acarretando um novo ecossistema e incorporando vários movimentos em um só, sendo este definido como Ciência Aberta. Porém, a recepção das revistas em Acesso Aberto (AA) acarretou em um dano secundário indesejável (Silva & Silveira, 2019). Segundo Al-Khatib (2016, p. 282), "Alguns periódicos foram criados por entidades gananciosas, empreendedoras e não especializadas, com o único objetivo de cobrar *Article Processing Charges* (APC) e lucrar com os bolsos de autores desesperados".

Com o excesso de informações na web, é corriqueiro encontrar informações e conteúdos questionáveis. "Esse cenário é chamado de notícias falsas (para notícias), conferência falsa (para eventos) e revistas/periódicos falsas e predatórias (para jornais acadêmicos suspeitos)" (Pinto *et al.*, 2021, p. 136). Conteúdos estes que se enquadram na esfera das desinformações, e conforme Sousa *et al.* (2021) manifestam a importância de discussões em relação à conjuntura de produção, uso e compartilhamento de informações na perspectiva de sua legitimidade em quaisquer *locus* (ciência ou esfera pública), em que o ciclo de produtividade de desinformações é representado por atividades elaboradas através de diferentes atores e agentes sociais.

Assim, pelo fato das revistas predatórias pertencerem a canais de comunicação provenientes do movimento AA e estarem situadas em um contexto científico, é indispensável preocupar-se com um quesito ético e responsável, como sugere Pinto *et al.* (2021, p. 137) "Neste contexto, como a informação pode ser entendida como correta porque uma revista predatória é algo científico, também é necessário se preocupar com a questão ética".

Segundo Pinto *et al.* (2021), as práticas predatórias exploram o modelo do produtivismo acadêmico, servindo à conveniência da velocidade em publicações e transformando-se em um dispositivo gerado pelo imediatismo informacional. Um efeito colateral derivado desse cenário, através das pressões por publicações e



competição editorial, que vem ocorrendo em diversos países, é o da proliferação de periódicos que, com o intuito de “agilizar” a publicação de artigos e/ou de gerar lucros, passaram a publicar documentos de toda espécie, mediante pagamento, com um formato semelhante à de um artigo científico, porém sem os cuidados necessários em relação ao conteúdo e sem atenção à ética de publicação, os quais têm sido chamados de periódicos predatórios (Beall, 2012).

Este termo foi cunhado por Jeffrey Beall, que também criou uma lista de possíveis editores e periódicos questionáveis (oficialmente desativada, porém ainda disponível na web). Conforme a lista, as práticas predatórias são aquelas que provocam o desmantelamento e o desvirtuamento do processo da publicação científica, pois esse tipo de prática não cumpre os padrões cientificamente aceitos, sem (ou com questionável) revisão por pares. No caso dos periódicos, há também cobrança de taxas para publicação APC (Mainardes, 2021). Além disso, os periódicos predatórios não asseguram a veracidade dos dados usados, sendo associados a informações enganosas, incluindo métricas (como fator de impacto, por exemplo) e conselhos editoriais falsos (Sorokowski *et al.*, 2017; Perlin, Imasato & Borenstein, 2018).

É necessário salientar que há revistas convencionais não predatórias que também cobram APC ou solicitam a colaboração dos autores para o pagamento de revisão e editoração de artigos. Porém, “[...] tais revistas seguem os padrões convencionais de avaliação por pares e, portanto, garantem um padrão aceitável de qualidade e de rigor científico” (Mainardes, 2021, p. 1). Nesse contexto, quanto ao “padrão convencional de avaliação”, para encontrar-se um caminho do meio eficiente entre questões engessadas de avaliação, sugerimos as recomendações da Declaration on Research Assessment (DORA).

Juntamente com o que já foi exposto, observa-se que os periódicos predatórios só fazem edições mínimas nas publicações, não realizando indexação em bancos de dados padrão (Kahan & Kushner, 2017; Pinto *et al.*, 2021). Então, apesar de alguns serem armazenados em conhecidas bases de dados (Demir, 2018), na maioria das vezes não utilizam de processamento exaustivo em metalinguagem (Ex.: JATS - XML) na estrutura de indexação de metadados de



pesquisa nos artigos científicos, comprometendo, também, a sua interoperabilidade e preservação digital.

Mais uma característica marcante dos editores dessas revistas, é a massiva quantidade de *spams* enviados para acadêmicos do mundo todo (Shen & Börk, 2015), elogiando o trabalho do pesquisador e convidando-o a publicar. Outras estratégias aplicadas por eles: falta de transparência no processo de publicação, incongruência no nome do periódico com sua missão, nome do periódico contradizendo o país de origem, quantidade excessiva de plágio, manipulação de imagens, local da sede falsa ou ausente, site mal desenvolvido, informações de contato insuficientes, uso não autorizado de imagens, propaganda excessiva no site e ausência de identificadores persistentes ISSN, DOI e ISBN (Beall, 2015; Kakamad, et al., 2019).

Isto posto, percebe-se que o movimento de acesso aberto, embora nobre em sua intenção, vem sendo um hospedeiro involuntário para esses editores parasitas (Sorokowski *et al.*, 2017). Desse modo, a má conduta dos periódicos predatórios pode contribuir para colocar a reputação do movimento Acesso Aberto e suas práticas em jogo (Oliveira, 2017).

3 METODOLOGIA

Pesquisa de natureza básica, com abordagem quali-quantitativa e finalidade exploratória. Foi realizado um levantamento bibliográfico para mapear publicações científicas com a temática sobre revistas predatórias, e juntamente com a revisão da literatura, construiu-se um quadro com as principais ações e estratégias para identificação de publicações predatórias, visando contribuir às boas práticas para uma ciência aberta e responsável.

Buscando recuperar principalmente artigos científicos, as bases selecionadas foram: BRAPCI, EBSCO - *Library, Information Science & Technology Abstracts* e SciELO - *Scientific Electronic Library Online*. Os dados da pesquisa foram coletados no período de 21 a 28 de junho de 2022. Como forma de esquematizar as ocorrências relativas aos documentos recuperados, utilizou-se a estratégia de variar



o termo de busca: Periódico predatório; Revista predatória; Publicação predatória; Editor predatório; *Predatory journals*; *Predatory publications*.

3.1 Levantamento bibliográfico

Como forma de facilitar os resultados encontrados nas buscas realizadas, a **Tabela 1** mostra a quantidade de documentos recuperados em cada uma das bases de dados consultadas. Optamos em caracterizar nossas análises separadamente de acordo com as especificidades de cada base.

Tabela 1 - Totalidade de documentos recuperados.

Bases de dados:	BRAPCI	EBSCO	SCIELO
Total de documentos recuperados:	4	233	18

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

BRAPCI: Com os termos entre “aspas”, recuperou-se o total de quatro documentos, dos quais três possuem (DOI). A estratégia para averiguar o material foi feita pela leitura do título, palavra-chave, resumo e texto completo.

EBSCO-LISTA: Nesta base uniu-se alguns termos com operadores booleanos “AND” e “OR” em período de busca aberta. Recuperou-se o total de 233 documentos de diversas nacionalidades e idiomas, como alemão, espanhol, inglês e húngaro. Aqui os registros aparecem nos formatos de resenhas, artigos de revistas científicas e publicações comerciais, datando de 2000 a 2021. Devido ao extenso número recuperado, para averiguar particularmente cada item, a investigação deu-se por inclinações do estudo perante o título e resumo.

SCIELO: Nesta base as análises ocorreram em duas etapas: a primeira utilizando os termos em português e a segunda em inglês. A primeira etapa recuperou quatro documentos. Na busca foram utilizados todos os termos de uma só vez, os quais foram separados pelo operador booleano “OR” e os termos compostos entre “aspas”. Português e espanhol foram os idiomas encontrados, cujas nacionalidades são: Colômbia, Costa Rica, Portugal e Uruguai, datando dos anos de 2017 a 2020; pertencentes às áreas de Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas, das



quais apenas duas possuem DOI. Na segunda etapa, recuperaram-se 17 documentos, nos seguintes idiomas: inglês, espanhol e português. As nacionalidades são: África do Sul, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha, México, Paraguai, Peru, Portugal. Os anos das publicações são de 2017 a 2021, sendo que onze possuem DOI. As áreas do conhecimento representadas são: Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Multidisciplinares.

3.2 Identificando periódicos predatórios

Outro resultado possível desse estudo é o **Quadro 1**, que foi concebido por meio da investigação da literatura exposta (parcialmente) no referencial teórico, evidenciando 16 principais ações e estratégias para identificação de publicações predatórias.

Quadro 1 - Principais ações e estratégias para identificação de periódicos predatórios

Principais ações e estratégias para identificação de periódicos predatórios:	
1.	Exercite o senso crítico;
2.	Pesquise a revista suspeita em bases de dados e repositórios referenciais sérios (Ex.: Scielo, DOAJ, Web of Science, Scopus, Redalyc.);
3.	As revistas predatórias são elaboradas para enganar o pesquisador, então, consulte um especialista no assunto, caso a dúvida permaneça;
4.	Averigue se a revista possui um identificador persistente (DOI; Handle) e identificadores digitais para autores (ORCID);
5.	Confira as listas de potenciais periódicos falsos e predatórios. (Ex.: PredaQualis; Beall List (Scholarlyoa); Hijacked Journals in Scopus e Lista de Kscen). Utilize também ferramentas <i>online</i> automatizadas de verificação (Ex.: Compass to Publish);
6.	Consulte o ISSN e Ulrichs Web Global Serials Directory;
7.	Periódicos sérios seguem orientações internacionais e de grandes bancos de dados quanto periodicidade, então verifique a constância das publicações, assim como a quantidade de publicações por ano;
8.	Consulte o domínio da página, pois revistas honestas têm página própria e/ou estão ligadas a instituições científicas e universidades reconhecidas; Veja também se o periódico não é sequestrado;
9.	Verifique se a revista é bem editada, diagramada e se tem algum padrão gerencial; Verifique erros gramaticais e de digitação;
10.	Verifique se a revista possui fator de impacto falso;
11.	Observe se a revista exige pagamento antecipado e se promete publicação rápida (semanas ou poucos meses);
12.	Apure se o corpo editorial é experiente e conhecido na área;



13.	Examine se a estrutura da página web não é precária e se contém todas as informações necessárias;
14.	Suspeite se a revista enviou e-mail elogiando sua pesquisa, convidando-o para publicar;
15.	Ainda que a revista se denomine interdisciplinar, é necessário ter um foco definido, então observe se a revista tem um escopo muito abrangente.
16.	Confirme se a revista passa por revisão por pares (Ex.: revisão cega, revisão duplo-cega, revisão aberta).

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Para que se possa detectar periódicos predatórios de maneira eficiente, é recomendável combinar todos esses elementos apontados, evitando assim "cair em armadilhas" e contribuir para um saudável funcionamento da ciência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi de difundir a tônica sobre publicações predatórias em A A, que vai na contramão da proposta da Ciência Aberta, cooperando para um melhor esclarecimento, e permitindo vislumbrar alternativas éticas, conscientes e responsáveis que caminhem junto à tomada de decisão do indivíduo em suas práticas científicas, evitando-se de difundir esse tipo específico de publicação com potencial tendencioso e danoso ao progresso da ciência.

São notórias as transformações que vêm surgindo no âmbito acadêmico e científico. Deste modo, para acompanhar de maneira eficaz e séria estes movimentos, evidenciamos também a necessidade de buscar a raiz a respeito da lógica imediatista na academia (propulsora das práticas predatórias) para então entendê-la e atenuá-la. Para manter a qualidade das publicações, as instituições de pesquisa precisam medir o desempenho acadêmico além da quantidade de artigos publicados.

Portanto, salientamos que essa temática, apesar de estar em voga, encontra-se ainda em processo de maturação, considerando as ocorrências obtidas à luz do método exploratório efetivado. A expressividade no número de ocorrências, considerando a totalidade das fontes consultadas, demonstra que esse assunto carece ser compreendido e suas discussões ampliadas na área da Ciência da



Informação. Em virtude dessas constatações, sugerimos futuros estudos que possam somar ao presente trabalho.

REFERÊNCIAS

Al-khatib, A. (2016). Protecting author from predatory journal and publishers.

Publishing Research Quarterly, 32(4), 281-285.

doi.org/10.1007/s12109-016-9474-3

Beall, J. (2012). Predatory publishers are corrupting open access. *Nature*, 489(179).

doi.org/10.1038/489179a

Beall, J. (2015). Criteria for Determining Predatory Open-Access Publishers.

Scholarly open access.

Demir, S. B. (2018). Scholarly databases under scrutiny. *Journal of Librarianship and*

Information Science, 52(1), 150-60. doi.org/10.1177/0961000618784159

Kahan, S., & Kushner, R. F. (2017). New year's resolution: Say no to fake journals

and conferences. *Obesity*, 25(1), 11-12. doi.org/10.1002/oby.21738



Kakamad, F. H., *et al.* (2019). Kscien's list: a new strategy to hoist predatory journals and publishers. *International Journal of Surgery Open*, (17), 5-7.

doi.org/10.1016/j.ijso.2019.01.002

Mainardes, J. (2021). Práticas predatórias na publicação. *Boletim Técnico do PPEC*, (5), 1-5.

Oliveira, R. L. (2017). Órfãos de Jeffrey Beall: revistas predatórias e outras iniciativas igualmente perniciosas para a pesquisa e para a pós-graduação. *Ciência e Cultura*, 69(4), 4-5. doi.org/10.21800/2317-66602017000400002

Perlin, M. S, Imasato, T., & Borenstein, D. (2018). Is predatory publishing a real threat? Evidence from a large database study. *Scientometrics*, (116), 255-273.

doi.org/10.1007/s11192-018-2750-6

Pinto, A. L., Dias, T. M. R., & Semeler, A. R. (2021). How to Spot Fake Journal: 10 Steps to Identify Predatory Journals. In Bisset Álvarez, E. (Ed.). *Data and Information in Online Environments*, Springer.

doi.org/10.1007/978-3-030-77417-2



Shen, C., & Björk, B. C. (2015). 'Predatory' open access: a longitudinal study of article volumes and market characteristics. *BMC Med*, 13(230), 1-15. doi.org/10.1186/s12916-015-0469-2

Silva, F. C. C., & Silveira, L. (2019). O ecossistema da Ciência Aberta. *Transinformação*, (31), 1-12. doi.org/10.1590/2318-0889201931e190001

Sorokowski, P., Kulczycki, E., & Sorokowska, A. (2017). Predatory journals recruit fake editor. *Nature*, (543), 481-483. doi.org/10.1038/543481a

Sousa, R. S. C., Valerim, P., Heller, B., & Lima, M. H. T. F. (2021). Fetichismo da desinformação na web: uma pandemia agravada. *Revista Tomo*, (38), 173-214. doi.org/10.21669/tomo.vi38.14452